

No Getúlio Vargas, a saída é improvisar

ANGELINA NUNES

A improvisação continua sendo a saída dos médicos do hospital estadual Getúlio Vargas, na Penha, para suprir a falta de material. Eles admitem que às vezes utilizam a embalagem de soro para suprir a falta de dreno ou mesmo adaptam tubos, para salvar a vida dos pacientes. A emergência foi reaberta há uma semana pela direção do hospital, em uma solenidade que contou com a presença do secretário Luis Orlando Cadorna. Mas os problemas continuam. O presidente do Conselho Regional de Medicina (Cremerj), Laerte Mello, criticou o desrespeito ao Código de Ética.

—Em fevereiro constatamos que o hospital não tinha condições de funcionar e fizemos uma interdição do exercício médico. As obras foram paralisadas várias vezes por falta de verba.

Não fomos chamados para vistoriar a conclusão da reforma. A reabertura da emergência foi usada como trunfo político do candidato do governo à Prefeitura que esteve na solenidade— afirmou.

Ele classificou a reforma de maquiagem. Uma prova disso é a falta de leitos na CTI e reforma do centro de esterilização, que não foi acompanhada por uma equipe de técnicos e pela Vigilância Sanitária. O Cremerj não foi convidado para a solenidade de reabertura. Laerte explicou que a secretaria não acatou as orientações da comissão que vistoriou o hospital.

Os médicos do hospital contam que é comum ficar até dez horas ao telefone para conseguir uma remoção para outra unidade mais equipada. Eles criticam também a quebra da promessa do governo estadual em dar gratificações para os plantonistas de fim de semana.